

Da disforia à euforia: reorientações e enquadramentos sobre corpos trans no esporte

Yasmin Botheon Ng
Escola de Educação Física e Esporte da
Universidade de São Paulo (EEFE - USP)
yasmin.ng@usp.br

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Zimmermann
Escola de Educação Física e Esporte da
Universidade de São Paulo (EEFE - USP)
ana.zimmermann@usp.br

Palavras-chave: pessoas transgênero no esporte; experiência esportiva; euforia de gênero; filosofia do esporte

Resumo

A presença e inclusão de pessoas transgênero nos contextos esportivos não pode mais ser ignorada. O tema tem mobilizado debates na opinião pública e na academia em diversas áreas. No âmbito da filosofia do esporte, encontramos diversos trabalhos sobre o tema, em crescente aparição na última década, majoritariamente os trabalhos se desenvolvem por provocações incitadas no contexto dos esportes competitivos e de rendimento. Independentemente de seus posicionamentos, favoráveis ou contrários, esses debates frequentemente levantam questões éticas sobre inclusão-exclusão, preocupações com o conceito de “fairness”, segurança nas competições e critérios de categorização esportiva. Tais discussões contribuem para analisar o tema em sua complexidade e evidenciam que o problema não se restringe ao âmbito biológico, como algo a ser apenas mensurado ou definido, mas envolve disputas conceituais e normativas sobre corpos, gênero e esporte. Para além da ênfase nos contextos competitivos e legitimidades, algumas investigações têm buscado compreender as experiências esportivas de pessoas trans a partir de suas vivências e narrativas corporais. Em maioria, essas pesquisas evidenciam barreiras para participação esportiva, experiências de exclusão, preconceito e sentimentos relacionados à disforia de gênero. Na contramão, são poucos os estudos que mostram as experiências positivas vivenciadas no esporte, exaltando sentimentos de prazer, alegria, reconhecimento, pertencimento e euforia de gênero. Diante desse panorama, surge a seguinte questão: de que maneira os enquadramentos e questões predominantes nos debates sobre pessoas trans no esporte orientam as narrativas e o imaginário sobre esses corpos? Para desenvolver essa reflexão, colocamos em diálogo conceitos de duas autoras: Judith Butler e Sara Ahmed. Butler nos indica que a linguagem tem poder performativo. O discurso que perpetuamos e os enquadramentos que utilizamos podem ajudar a consolidar uma realidade como dominante. Nesse sentido, argumenta-se que a predominância, nos debates, de temas como exclusão/inclusão, segurança, “fairness”, barreiras e disforia, pode contribuir para reforçar uma realidade onde o corpo trans é visto como um problema a ser resolvido, um corpo estranho que deve ser encaixado, ou consertado, dentro de um sistema esportivo binário. Para Ahmed os mundos sociais são estruturados por orientações, linhas que direcionam os corpos, os olhares e os modos de interpretar a realidade. A partir desse diálogo propõe-se compreender as produções acadêmicas como parte desse processo de orientação.

Assim, este trabalho tem como objetivo refletir, à luz da filosofia do esporte, sobre a potencialidade de um gesto de reorientação discursiva em debates e investigações futuras. Tal gesto consiste em ampliar os enquadramentos analíticos e deslocar a centralidade da discussão das controvérsias competitivas e de categorias patologizantes, como a disforia de gênero, para experiências positivas no esporte, que envolvam sentimentos de euforia de gênero, prazer e pertencimento. Este deslocamento pode contribuir para construção de novos imaginários e formas de compreender e experienciar um fenômeno esportivo mais inclusivo, potencializando a discussão filosófica sobre o tema.